

## RUBEN A.: UM PREITO A MIGUEL TORGA (DIÁLOGOS EPISTOLARES)

RUBEN A.: A HOMAGE TO MIGUEL TORGA  
(EPISTOLARY DIALOGUES)

*Ana Maria Machado*

Centro de Literatura Portuguesa  
Universidade de Coimbra

### RESUMO

A correspondência entre Ruben A. e Miguel Torga, dos anos 1949 a 1973, revela duas personalidades antagónicas unidas pelo espaço literário. Leitores ávidos um do outro, Ruben A. empenha-se na internacionalização do escritor que a sua geração cultuava e recorda-o na sua autobiografia, enquanto Torga testemunha a novidade do cosmopolita e deixa-se surpreender com a inventividade rubeniana. Ao nível da receção e da sociologia literárias, esta relação dialógica ilustra dificuldades, incompreensões, censuras, deslumbramentos, inovações de duas décadas do universo literário português.

*Palavras-chave:* Ruben A., Miguel Torga, epistolografia, autobiografia, receção literária

### ABSTRACT

The correspondence between Ruben A. and Miguel Torga, from 1949 to 1973, shows two antagonistic personalities united by a literary space. Avid readers of each other's work, Ruben A. strives for the internationalization of the writer his generation worshiped and makes reference to Miguel Torga in his autobiography, while Torga highlights the novelty of Ruben A.'s cosmopolitanism and is enthralled by his creativity. In terms of literary reception and sociology, this dialogical relationship illustrates the difficul-

ties, misunderstandings, censorship, fascination and innovation of two decades of the Portuguese literary universe.

*Keywords:* Ruben A., Miguel Torga, epistolography, autobiography, literary reception

A relação literária entre Miguel Torga (1907-1995) e Ruben A. (1920-1975) e o preito que este votou ao poeta de Coimbra conhecia-se pelos escritos autobiográficos do inventivo Ruben A. e pela pungente nota diarística com que Torga assinala a morte do amigo. “No contudo” – para usar uma locução cara à inventividade rubeniana –, a correspondência particular dos dois autores atesta bem a receção das respetivas obras: no caso de Torga, em Portugal, no estrangeiro e na visão particular de Ruben Andresen Leitão, o nome do homem por trás do artista que tal como o escritor venerado também assina as cartas com o pseudónimo literário; em relação a Ruben, lemos as impressões de Torga em permanente suspensão perante o arrojo verbal e criativo do amigo.

Enquanto monólogos a dois (Mathias, 2019), as cartas privadas trocadas entre Miguel Torga e Ruben A. são determinadas pelo pacto epistolar, ou seja, pelo pedido de resposta de um leitor concreto, pertencente ao mundo do correspondente (Altman, 1982). Elas testemunham essencialmente as relações ditadas pelo ofício dos dois escritores, embora pontualmente reflitam sobre amarguras provocadas por incompreensões ou censuras alheias e, como é próprio deste tipo de correspondência, nela se assiste ao adensamento de vínculos recíprocos alicerçados numa progressiva relação de confiança (Gastaud, 2017). Abordando sobretudo as respetivas obras literárias, estas cartas ilustram bem o tipo de relação dialógica que Andrée Rocha viu entre o remetente da carta e o seu destinatário: “o autor da

carta implica outrem no momento em que se lhe sentiu, de qualquer modo, ligado” (Rocha, 1965: 16). De facto, as cartas concentram-se justamente numa implicação que consiste no denominador comum entre os autores: a sua escrita. É ela que os une e é da vida literária que se alimentam.

Enquanto objetos simultaneamente biográficos (Gastaud, 2017) e autobiográficos (Lejeune, 2008; Gusdorf, 1991), as cartas documentam fragmentos da existência dos escritores acrescidos da visão pessoal que têm sobre a matéria literária. Além disso, e tal como nota Georges Gusdorf (1991) em *Les écritures du moi. Lignes de vie 1*, ao contrário do diário ou da autobiografia, escritas para o próprio eu, na carta, a relação com o Outro é determinante e a personalidade do destinatário irradia todo o discurso. Por esta razão, Janet Altman (1982) recorda que a carta também não é um produto de conceção imaculada, como a autobiografia, mas antes o resultado da união entre escritor e leitor, uma ligação particularmente prenhe quando, como é o caso, a correspondência não é amputada, ou seja, quando é possível acompanhar o diálogo entre os dois intervenientes (Mathias, 2017).

É, pois, natural que o conhecimento das cartas privadas entre Miguel Torga e Ruben A. contribua para um melhor conhecimento da realidade humana e social que os rodeou, veiculando perspectivas múltiplas sobre a receção literária das suas obras e ilustrando afinidades tão inesperadas quão diversos foram os perfis de um e de outro — telúrico e reservado, o trasmontano, e cosmopolita e extrovertido, o lisboeta, com a devida ressalva pelas simplificações redutoras.

No diálogo epistolar que entre os dois autores se desenvolve, não é só Ruben A. quem expõe o modo como as obras do escritor de Coimbra o atingem, numa receção estética e afetiva que traduz numa linguagem cujo concretismo e imaginação são comuns à sua escrita ficcional. Também Miguel Torga manifesta o seu interesse e admi-

ração, entre encomiástica e surpreendida, visto o teor invulgar do universo e da escrita rubeniana.

As fontes para o estudo destas afinidades literárias encontram-se sobretudo na obra autobiográfica de Ruben A., nomeadamente no segundo volume de *Páginas*, de 1950, no segundo volume de *O mundo à minha procura*, publicado em 1966, e nas cartas trocadas entre os dois autores que, recentemente, começaram a ser publicadas (Sousa, 2018; Machado, 2019).

No espólio de Ruben A., à guarda da Biblioteca Nacional, conservam-se 5 cartões, 4 postais, 1 telegrama e 34 cartas (E35, caixa 44) que Miguel Torga dirigiu a Ruben A. entre 1949 e 1973, provenientes de Coimbra e de S. Martinho de Anta; e 8 cartas datilografadas que Ruben A. emite de Lisboa para Miguel Torga, entre 1962-1970 (E35, caixa 12). No espólio da Casa-Museu Miguel Torga, encontram-se 7 cartas que Ruben A. lhe dirigiu, seis das quais são comuns ao espólio de Ruben A. Finalmente, o espólio particular de Torga, propriedade de Clara Rocha, filha do autor, contém outras seis cartas da década de 50, uma das quais editada no volume 197 da revista *Colóquio Letras* (2018). Como se infere deste *corpus*, e como se de linhas literárias paralelas (Mathias, 2019) se tratasse, o fascínio que Torga exerce em Ruben extravasa o domínio das cartas, expandindo-se na autobiografia e na diarística, e também, conforme nota Carlos Mendes de Sousa, nas conversas com os amigos, como se lê, por exemplo, na carta do diplomata e crítico brasileiro Álvaro Lins a Miguel Torga, datada de 23 de outubro de 1957: “O seu amigo e admirador Ruben A. Leitão raro é o dia em que não me fala na sua pessoa” (Sousa, 2018: 121).

Já no universo textual de Torga, as referências a Ruben A. limitam-se às cartas pessoais e a uma entrada no *Diário XII*, por ocasião da morte de Ruben, em 20 de setembro de 1975. Ainda assim, como se verá, a sua correspondência com Ruben A. fica marcada por cartas

de agradecimento e gratidão, sempre acompanhadas por comentários detalhados e assombrados sobre a originalidade da obra.

Para a compreensão destas afinidades eletivas entre escritores de perfil tão contrário, numa primeira parte aborda-se a receção de Torga por Ruben A. e, num segundo momento, a de Ruben A. por Torga. Em função da relevância do conteúdo e da expressividade da linguagem, em ambas as situações se optou por dar voz às cartas, no intuito de transmitir fielmente a dimensão da receção e da vida literárias que correspondência, autobiografia e diários testemunham por vias paralelas.

1. Segundo Eduardo Lourenço (1959: 270), Ruben A. não teve “mais futuro literário que um passado ainda não inteiramente digerido pela ficção nacional sempre acolhedora para as audácias falsas ou verdadeiras da estranha, mas pouco sensível para a dos inconformistas nacionais.” Bem disse e, aparentemente, melhor profetizou. Tanto pior.

Esta desatenção, que ainda hoje persiste, não comprometeu a sua generosidade humana e intelectual como se verá na extrema dedicação a Miguel Torga, feliz dádiva da sua passagem por Coimbra entre os anos 42 a 46 do século XX.<sup>1</sup>

Curiosamente, o primeiro encontro entre Ruben e Torga é assinalado por uma coincidência do destino. Perante o desconforto da casa de hóspedes que Ruben veio habitar em novembro de 92, na Rua de Santa Teresa, n.º 3, a ideia da república é a proposta que logo assoma. A mudança foi rápida e, no dia 10 de novembro, está a escrever a seus pais do novo «reino de fantasia», a república que acabara de criar com o nome mítico de Babaou, o título de um filme surrealista de Salvador Dalí.

1 Sobre os anos de Coimbra, v. Machado, 2017.

Justamente o que há de interessante neste novo espaço é a referência que, no segundo volume da autobiografia *O mundo à minha procura*, se faz à nova localização: “Alugámos um magnífico andar no Largo de Santana, 16, por cima do Senhor Ventura do Torga.” (A., 1993: 186). Trata-se, evidentemente, de um dos muitos casos de recomposição autobiográfica que Ruben A. opera sobre o seu passado, uma vez que, em 1942, a data da mudança a que se referem as cartas e a autobiografia, o autor não poderia conhecer as aventuras do pícaro torguiano, cuja primeira edição vem a lume apenas no ano seguinte (uma segunda edição será publicada em 1985). Não sendo esta, em termos de tempo da escrita, a mais remota referência de Ruben a Torga, é, todavia, aquela que se reporta a uma data mais recuada.

No mesmo volume da autobiografia, descreve-se o momento em que o então estudante avista, pela primeira vez, o reputado escritor. A introduzir a cena, Ruben sumaria a sua veneração e traça o retrato do autor. O encontro foi impressionante, o mesmo ocorrendo com a referência à receção digestiva da obra.<sup>2</sup> A reação a esta descrição virá em carta de Torga, de 12 de dezembro de 1966, quando Miguel Torga dá conta da sua leitura do segundo volume da autobiografia de Ruben:

Das [páginas] que me dedica, não falo. Que poderia dizer-lhe? Que os meus olhos são verdes, ao contrário do que afirma? O que importa é o que vem depois do retrato físico, e para esse rosário de generosidades só vejo uma saída airosa: o velho “amen” dos orantes. Sim, Deus queira que tudo quanto afirma seja verdade.<sup>3</sup>

2 Cf.: A., 1993: 216.

3 V. edição da carta em Machado, 2019: 64.

O conhecimento presencial do escritor dar-se-á bem mais tarde, em 1950, já Ruben era leitor de Português no King's College, e fora precedido de uma troca epistolar, conforme se deduz das duas cartas conservadas, a começar por uma longa carta de Miguel Torga, de Coimbra, 20 de junho de 1949. Num tom ainda bastante formal, o autor autoriza a encenação da peça *Mar* que escrevera em 1947:

Em resposta à sua amável carta, venho comunicar-lhe que o autorizo a representar a minha peça MAR, aí em Londres e em todas as cidades de que me fala. Quanto a direitos de autor, compreendo perfeitamente que lhe seja difícil pagá-los, e uma vez que não pode ser, pronto, fica mesmo assim. A peça foi representada pelo Teatro dos Estudantes de Lisboa, com bastante sucesso. Oxalá que os estudantes de Londres sejam também felizes com a escolha do texto, já que o foram com a escolha do ensaiador.

Agradeço-lhe muito não só a lembrança do meu nome, mas também a gentileza da oferta da sua casa. É um velho desejo meu conhecer a Inglaterra, mas infelizmente não me tem sido possível realizá-lo. Pode ser que estimulado pelo seu convite me resolva.<sup>4</sup>

A carta refere-se também à tradução dos *Bichos*, mas, pela importância de que estes contos se revestem na correspondência, serão referidos separadamente. Por ora, resta mencionar o modo como Torga recompensa, na mesma carta, o interesse e a generosidade de Ruben:

Pedi ao gerente da Coimbra Editora que lhe enviasse algumas das minhas obras editadas por aquela casa. Prometeu mandar-lhe *Vindima*, *Novos*

4 V. edição da carta em Machado, 2019: 57.

*Contos da Montanha e Libertação*. Pessoalmente, tenho muito gosto em oferecer-lhe, seguindo hoje registados, o quarto vol. do *Diário*<sup>5</sup> que acaba de sair, e a edição refundida de *Terra Firme* que tem sido representada pelo Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra, em cidades do continente e da Madeira.

Embora com atrasos por parte de Ruben, a correspondência prosseguiu, versando o tema da adaptação de *Mar*, conforme se lê em carta de 20 de 1950, provavelmente, do mês de janeiro, pois, ao fim de três dias, Torga está a responder-lhe. Nesta carta, recentemente editada (Sousa, 2018: 127-128)<sup>6</sup> Ruben dá conta do início da leitura da peça, em finais de novembro, e do ritmo posterior dos ensaios a avaliar a sua dedicação: duas vezes por semana, uma no College, outra em sua casa. Esclarece ainda que a peça terá lugar no Teatro Universitário de Londres e que será representada juntamente com os *Entremeces* de *Cervantes*, um sinal de enorme prestígio, como assinala. Recorda ainda que para a transposição cénica foi necessário eliminar

as poucas coisas que podiam tirar um ritmo fundo de presença – na última cena do 3.º Ato – Rita retira-se simplesmente na forte impressão do sucedido – o desmaio seria melodramatizar a beleza da compreensão. (Sousa, 2018: 127).

Quanto ao elenco, Ruben explica: ainda que constituído por alunos, uma delas tem já currículo significativo, pois representara duas peças de T. S. Eliot, outro autor caro à afeição rubeniana. A maio-

5 Em 1949.

6 Juntamente com a de outros três escritores (Vitorino Nemésio, Sophia de Mello Breyner Andresen, David Mourão-Ferreira) e do ministro da cultura francês, Jacques Lang.



ria tem um bom domínio da língua portuguesa, muitos já haviam representado Gil Vicente e poucos são os “de mais fraca categoria” (Sousa, 2018: 127).

Sempre a propósito de *Mar*, o encenador solicita autorização para uma adaptação radiofónica em 25 minutos, a transmitir pela B.B.C. ondas curtas (para Portugal, colónias, Brasil etc.). Pergunta se pode recorrer a um modelo comum ao que usara para a *Farsa de “Inês Pereira*, tendo um interlocutor a *explicar* as cenas cortadas?” (Sousa, 2018: 128).

A delonga desta carta é notada na resposta de 23 de janeiro de 1950, onde Torga se congratula por, finalmente, ter recebido notícias e elogia o compromisso cultural de Ruben:

(...) Já cuidava que essa sagrada ilha tinha ido ao fundo, e com ela o único lusíada que cultiva manjericos líricos à beira do Tamisa. Afinal, está tudo vivo e a florir.

Não consigo fazer ideia de como ficará o *Mar* com essas supressões e modificações que lhe fez. Mas confio no seu bom gosto, e compreendo que tivesse de eliminar as dificuldades invencíveis de que fala. Em todo o caso, veja lá se não repete a conhecida história do diabo, que tanto aparou o membro que ficou sem ele...

Quanto à adaptação radiofónica da peça, estou de acordo que a faça. O que lhe agradeço é que me diga com antecedência o dia e a hora da emissão.<sup>7</sup>

Só na sequência desta missiva virá a ocorrer o encontro presencial relatado no segundo volume da autobiografia (A., 1994: 240). A viva admiração que Torga exerceu em Ruben A. foi tal que é igualmente

7 V. edição da carta em Machado, 2019: 58.

recordado, no segundo volume de *Páginas*, os “pedaços de prosa” que Ruben assina ao longo de seis tomos publicados entre 1949 e 1970. Na rubrica “Viagens na minha terra”, narra uma outra faceta do encontro ocorrido a 1 de setembro de 1949 e marcado pelo almoço literário com “Andrée Torga Tomás”, o seu primo Tomás Andresen — os três comensais são referidos numa formulação própria da criação onomástica que Ruben ativa, tanto na obra como na vida pessoal. Do mesmo modo figurativo, o grande dia é metonimicamente qualificado de telúrico e, durante a refeição, escritores, vinho e carne eram um só. Depois entregaram-se ao fascínio que a leitura de *O Paraíso* suscitou.<sup>8</sup>

Recorde-se que este encontro foi desencadeado pelo deslumbramento com que o grupo de Ruben idolatrava Torga e, mais mediatemente, pela vontade de encenar *Mar*, na sequência do trabalho antes (em 1949) desenvolvido com a *Farsa de Inês Pereira*.

A aventura de *Mar* prossegue e Torga segue-a com genuíno interesse. Em carta de 26 de fevereiro de 1950, declara: “Tudo o que me possa dizer da peça (...) e da radiodifusão, será bem-vindo. Sobretudo, peço-lhe que não me oculte a reação dessa gente. É uma prova que me interessa conhecer.”

O êxito de *Mar*, em Londres, foi enorme e é notável ler o reconhecimento tanto do autor, perante a transmissão radiofónica, como do próprio Ruben que encenou a peça com os seus alunos de Português, no grande Teatro da Universidade de Londres, em 21 de março de 1950. Em carta do dia 26, os agradecimentos de Miguel Torga correm nestes termos:

8 Cf. A., 1997: 63.

Não quero demorar os agradecimentos que lhe devo, e a todos os seus colaboradores, pela representação e radiodifusão de *Mar*. Você fez maravilhas, e os seus alunos mereciam diploma de filhos diletos da Nazaré. Hoje chegou *The Stage*, e vejo que não foi só ao autor que a produção e desempenho agradaram. Ainda bem. Os meus sinceros parabéns a todos.

Creia que avalio na justa medida o seu esforço e boa vontade para levar essas línguas de aço à maleabilidade da filigrana, e que me comoveu até à raiz sentir que o coração português da tia Mariana batia por alguns momentos no peito duma rapariga chamada Janet Tadmán. E quem diz este nome, diz também o de Margaret Wootton a viver o nosso lirismo amoroso, o de Terence Waldron a incarnar a nossa fantasia aluada, o de Helen Matthew a fazer de Cassandra ribeirinha, o de Philip Deighton a ser vencido pela poesia, o de Heken Wilkins a treinar-se nas nossas amarguras, e os de Ronald Embleton-Smith e James Cummins a darem um ar da nossa graça tosca e frascária.<sup>9</sup>

O número do jornal *The Stage* (1880-) a que se refere data de 23 de março (E 35, caixa 83) e nele se dirigiam iguais encômios à peça do “eminente” Miguel Torga:

an event of some importance. It attracted diplomats as well as other members of London’s Latin colony to the large theatre of the University of London on March 21, when the King’s College Spanish Society gave ample proof that the modern-language groups at our universities are a very progressive factor in student life today.

9 V. edição da carta em Machado, 2019: 58-59.

Após um breve resumo do melodrama e das suas personagens, comenta-se a representação, num passo citado no terceiro volume da autobiografia juntamente com a carta de Miguel Torga (A., 1994: 246-247).

Em terras lusas o acontecimento também foi noticiado, ainda que muito sumariamente, conforme não deixa de lamentar Miguel Torga, em carta de 30 de maio de 1950: “Quase todos os jornais daqui noticiaram o acontecimento, mesmo o órgão da Emissora. Quase todos, igualmente, suprimiram o nome do autor...”

Face a esta humilhação, em *O Mundo à minha procura* (A., 1993: 247), Ruben insurge-se com acrimoniosa solidariedade: “Atiravam à figura, éramos pequenos, na mesquinhez o génio desenvolvia-se como o cancro. Ainda me admirava. Eu, parvo, a quem breve custaria cara a sua inocência.”<sup>10</sup>

Mas o testemunho mais vívido é assinado pelo próprio Ruben que, no mesmo volume da autobiografia, dá a medida da exigência dos ensaios e dos percalços de bastidores, bem como da extrema dedicação dos seus alunos. O seu trabalho era duplo: fazer com “que se compreendesse a fala” e se entendesse o drama, “a tragédia do Atlântico”. Pretendia que os espetadores “fossem arrebatados” pelo “humano no universal”, para o que os alunos ingleses se tinham de sujeitar “às provas mais duras de resistência.” (A., 1994: 244-245).

*Mar* não foi a única obra que mereceu a atenção e o empenho do escritor cosmopolita. A Ruben A. se deve igualmente o bom sucesso da divulgação no estrangeiro do volume de contos *Bichos*, publicado em 1940.

10 Ruben alude aqui à censura que Salazar teceu a propósito das suas *Páginas* II, um episódio que ditou o regresso do autor a Portugal. V. o texto da carta em Cruz *et al.*, 2001: 117.

Na já referida carta de Miguel Torga, datada de 20 de junho de 1949, a par da anuência em relação à representação de *Mar*, percebe-se que está em curso uma tradução para inglês de *Bichos*, com o título *Animal Stories From the Portuguese*. Três anos antes, o autor assinara um contrato com a Casa Allen & Unwin, e, desde então, não tivera mais notícias. Face a esta demora, Torga pede a Ruben que fale com os editores e lhes explique que, em caso de desistência, entregará a “edição a outra casa”, alegando ainda que

Talvez influenciasse favoravelmente os editores a notícia de que o livro tem aqui várias edições, foi traduzido noutras línguas, e que, precisamente, o teatro dos estudantes vai representar aí uma peça minha.<sup>11</sup>

Como se viu já, os *Bichos* eram uma obra de culto da sua geração, o que se reafirma em duas entradas da secção “Viagens na minha terra”, do segundo volume de *Páginas* (1950): nos passeios de agosto do ano anterior, na companhia do primo Tomás Andresen e de sua futura mulher (1952) Rosemary Bach, a namorada comprou, em Barcelinhos, “dois galos de barro tricolorado”, a um dos quais “chamou Tenório em homenagem aos *Bichos*” (A., 1950: 53); páginas à frente, Tomás e Ruben caminham “ao sul cumprimentando Batalha e Alcobaça mas falando do Torga dos *Bichos*” (A., 1950: 64), referência maior do seu tempo e da experiência de Coimbra.

A saga da tradução da obra prossegue na correspondência, socorrendo-se Torga da sua relação privilegiada com Ruben para, em sucessivas cartas, lhe solicitar os préstimos, sempre grato pelo que “fez e o que tenciona fazer pela tradução inglesa dos *Bichos*.” (carta

11 V. edição da carta em Machado, 2019: 57.

de 5 de agosto de 1949). No início do ano seguinte, em carta de 23 de janeiro, a morosidade do processo acusa saturação:

Dos malfadados bichos, nem sei o que lhe diga. Os livreiros ou estão a mangar comigo, ou não têm fé nenhuma no livro. Andam a anunciar a saída da obra há anos, no último número do British Book News lá vem a coisa como “a cultural achievement of international importance”, mas é tudo luar, como diz o Nobre. Enfim, dê-lhes uma agulhoadela, se tiver paciência.<sup>12</sup>

Em 26 de fevereiro de 1950, a questão não está ainda resolvida e Torga insiste de novo junto de Ruben. O mesmo, a 30 de maio de 1950, onde lamenta a ausência de notícias desde a representação de *Mar* e continua a aguardar solução para os “malfadados *Bichos*”:

(...) pois além das muitas gentilezas que lhe devo, considero-o o Dom Quixote desses infelizes *Bichos* que estiolam nas brumas do Tamisa (...) Tenha paciência, mas não regresse a Portugal sem dar uma saltada à casa Allen. Ou sim, ou sopas. (...)

E desculpe. Sei bem que é ingrata essa vossa missão de representantes duma cultura que ninguém quer conhecer. Ela é tão pobre e anda tão baralhada, que se compreende a hesitação deles. Mas, apesar dos tamanhos naturais e das falsificações oficiais, tem as suas virtudes específicas, e, doa a quem doer, desconhecê-la é uma lacuna.

Por carta de 7 de agosto do mesmo ano, percebe-se que, por motivos que não se esclarecem, Ruben mandara “suspender a publicação do livro até ao seu regresso a Londres”, perante o que Torga deseja

12 V. edição da carta em Machado, 2019: 58.

que “a sua boa vontade o possa ajudar a encontrar caminho através do nevoeiro inglês”. Neste mesmo período, Torga recebera a informação de que havia interesse numa versão alemã dos *Bichos*, o que, esperava, poderia servir de incentivo à edição inglesa. Apesar de tudo, diz, “Têm a máquina montada, e eu, apesar de tudo, acredito na seriedade britânica.”

Embora as cartas não se refiram à data de edição, a consulta do livro, agora com um título diferente do inicialmente projetado, mostra que foi editado em 1950. Em 1951 começou a ação de divulgação, pois, em carta de 24 de março, Torga informa de que “o tradutor do *Farrusco* acaba de me avisar de que o livro figura na exposição de “Book Design”, no Festival da Grã-Bretanha (Piccadilly).”

Em 7 de novembro do mesmo ano, Torga agradece o envio do recorte do *Spectator*, expressa a sua admiração pela tão abnegada generosidade de Ruben, interessa-se de novo pela recepção de *Bichos* na ilha nevoenta e louva o grafismo da versão inglesa:

(...) Não sei como lhe hei-de pagar tudo quanto tem feito pelo livro. Você tem sido, na verdade, de uma gentileza tão devotada e gratuita, que eu pasmo de ainda haver disso nesta dessorada terra lusa. Veja se o recompensa a certeza de que nunca esquecerei os favores que lhe devo.

A nota da senhora R. M. [Rose Macaulay] é de uma grande benevolência, tanto mais que se lê nas entrelinhas que ela não sentiu a bicharada. Agradeça-lhe em meu nome a delicadeza.

E já agora tenha a paciência de me enviar o que for saindo nos outros jornais e revistas. Apesar da minha pouca fé nos críticos (estou a pensar nas baboseiras que disseram os daqui quando o livrinho apareceu), como esses são de sangue-frio e nunca me viram mais magro, interessa-me saber como reagem.

Imagine que só ontem consegui ver um exemplar da edição (...). É realmente uma “réussite” gráfica, e os desenhos, exceto o Nero e o Miura, são muito felizes.<sup>13</sup>

Este elo de ligação entre os dois escritores ficaria ainda assinalado por mais um episódio rocambolesco em que Ruben é objeto de censura devido ao que escrevera para assinalar os 25 anos da publicação dos *Bichos*. Não se tratando do primeiro embate com a polícia de vigilância do Estado, não deixa de ferir a sua sensibilidade, como se lê, em carta de 23 de junho de 1965:

Queria ir aí pessoalmente entregar-lhe esta prosa, mas não me foi possível sair agora de Lisboa. Receba este quinhão como prova da muita admiração que tenho pela sua obra, pela importância e grandeza de que se reveste tudo que já foi tombado da sua lavra *a*/património cultural da nossa língua. Como vê, a *cãozoad*a cortou o artigo do alto até aos fins, tive muita pena, era coisa que me deu prazer, que escrevi com *gusto* e que creio estar à altura do testemunho que pretendia publicamente dar.<sup>14</sup>

Do artigo de Ruben, posteriormente publicado no número 37 da *Colóquio. Revista de artes e letras*, (1966: 54-55), destacam-se três momentos que testemunham a sua veneração torguiana. Um, relativo à língua: “nenhum outro escritor, nesta posta central do século XX, soube comunicar-se com mais perfeita unidade de expressão poética e humana, do que Miguel Torga.” (A., 1965: 54); outro, relativo à receção inglesa de *Bichos*:

Estava em Londres quando saiu a tradução inglesa dos «Bichos». Causou espanto o *Miura*. Rose Macaulay na crítica que fez, publicada

13 V. edição da carta em Machado, 2019: 59-60.

14 V. edição da carta em Machado, 2019: 63.



no *Spectator*, refere-se ao combate desigual de Miura; aponta-o como resumo de uma tragédia brutal – *a bullfight from the bull's angle has never been so well described*. E que espanto deve ter causado aos ingleses o relatar destas *estórias* de animais humanitários, tristes como os homens, habituados a conversas de *sim* e *não*, sem riso, apenas uma galhofa de vez em quando, no momento de matar, no momento da despedida. (A., 1965: 54-55);

e o último, em relação ao contexto português: “Num país onde se veneram deuses menores, é para mim um privilégio tributar este quinhão de verdade ao deus maior da nossa literatura contemporânea.” (A., 1965: 55).

Quando finalmente este número da *Colóquio* chega às mãos de Torga, em carta de 23 de abril de 1966, o autor regozija-se com a independência da Fundação Calouste Gulbenkian, ao mesmo tempo que critica a mesquinhez portuguesa:

Quando há tempos você me enviou o artigo cortado pela Censura, fiquei triste por si. Doe-me profundamente que a nossa estúpida intolerância calasse assim brutalmente uma voz limpa e generosa, que apenas desejava levar estímulo e admiração à melancolia dum velho camarada. Mas a persistência pode muito, e as imunidades gulbenkianas podem ainda mais. E a prosa magnânima acabou por ver a luz do dia. Ainda bem para que nem tudo seja mesquinho e obtuso neste período negro da nossa vida mental.<sup>15</sup>

Além das narrativas em torno da representação de *Mar* ou da tradução de *Bichos*, no segundo volume de *O mundo à minha procura*,

15 V. edição da carta em Machado, 2019: 63.

Ruben A. reflete ainda sobre outras obras, de que destaco *O Outro Livro de Job*, publicado em 1936, e oferecido pela namorada (de nome literário Mafalda) que cursava Direito e a quem, ao “fim de tarde [Ruben] lia o Torga, como o seminarista papa o breviário para cima e à volta dos recreios do colégio maior.” (A., 1993: 217).

Por seu turno, nas cartas, Ruben acusa a prostração causada pelos poemas de *A câmara ardente* (1962), tal era a sua intensidade. A dimensão da angústia fora tal que o livro lhe dera medo, pelo que o oferecera “logo para acalmar por vinte e quatro horas”. No seu entender, o drama pessoal ali expresso traduz um “talento (...) em plena maturidade, a levar o mosto que (...) vai corroendo o poeta” (carta de 19 de novembro de 1962). Sensações semelhantes são suscitadas pela 4.<sup>a</sup> edição dos *Contos da Montanha*, de 1969, acrescentada, revista e com um prefácio: “As novas palavras de abertura são esmagadoras, certas e deixam sangue a escorrer. (...) Bem-haja por este sadio retorno à mioleira do drama humano.” (carta de 21 de março de 1969).

O envio constante, e recíproco, das obras que iam saindo suscita no destinatário reações admiradas e eufóricas. Assim, sobre o *Diário IX*, de 1964, desassombrado, Ruben exclama, em carta de 23 de novembro:

Tenho-me delirado com as suas páginas. V. acerta nos sujeitos com aquela mestria que eu me habituei a ver de há uns vinte cinco anos a esta parte, e a que ninguém leva a palma. Caramba – o gajo é o único que não é romântico! Que verdade V. aí deita para os posteriores e posteridade... e o resto quando V. menciona os revoltados calmos, que refilam mas continuam a fazer continência a quem passa... uih que coisas mais bem expressas. Não há quem o bata, e isso é uma satisfação para quem como eu o admiro há tanto tempo. No Brasil falarei sobre o seu comportamento humano, expresso numa obra exemplar. E os poemas no

IX do Diário? Está tudo riscado. A sua beleza atravessa incólume estas escolas da moda. V. cada vez melhor.

E, sobre o volume X, de 1968, que recebe, de regresso dos Estados Unidos, dá conta da divulgação que aí fez de Miguel Torga e, com professada admiração, em carta de 30 novembro, reconhece a dimensão paliativa da sua escrita:

Neste deserto a sua prosa tem sido a única coisa salutar. Saboreio todas as noites umas páginas, leio e releio, na calma de quem há trinta anos acompanha e admira a sua gigantesca obra. Em várias universidades dos Estados Unidos tive oportunidade de falar dos seus livros, de transmitir algo que V. me transmitiu durante estes anos, de dar a quem me escutava a medida adulta de um povo que na maioria das vezes produz homens pequenos. Na Universidade da Califórnia – UCLA – tive a honra de falar para mais de duzentas pessoas que esmerilhando o meu inglês ouviam a mensagem que de longe lhes trazia, e era V. que estava sempre no socorro das minhas aflições, na verdade do que dizia, na poesia que mostrava. Bem-haja por tudo.

A concluir esta primeira parte, no último testemunho de Ruben, desta feita sobre o IV dia da *Criação do Mundo*, de 1939, que, ao que parece, lê tardiamente, pois a carta é datada de 6 de maio de 1970, reafirma-se seu discípulo, que não seguidor, pois o pendor clássico que reconhece em Torga está nos antípodas da linguagem que Ruben revoluciona:

Agradeço-lhe o poder da *Criação do Mundo*. Impõe-se de leitura nova, faz sempre bem. Ainda há pouco, numa entrevista, escrevi isto a seu respeito:



Com maior ceticismo, a mesma nota repete-se em relação ao terceiro volume, de 56, lido, conforme carta de 22 de julho, “no instável equilíbrio de quem ao mesmo tempo se deslumbra e desconfia” perante o que qualifica de “bidon de gasolina despejada sobre a lareira mortíça das nossas letras”, louvando, “Mesmo que não haja explosão, (...) a super-coragem super-realista de a tentar.”. Integrando o inintegrável Ruben na rutura surrealista, Torga prossegue, generalizando:

Vocês, os homens da prosa automática, lembram-me sempre aqueles sujeitos das mesas de pé-de-galo, que se desunham a escrever por conta dos espíritos. Nesses transes mediúnicos, nunca se chega a saber quando os relâmpagos de luz ou as horas de negrura são da responsabilidade do fantasma que dita ou do secretário que copia...

De facto, como disse num outro trabalho (Machado, 2008), compreende-se que um autor de um *Diário* convencional, como Miguel Torga, se choque com a forma pouco ortodoxa da praxis diarística de Ruben A. Tomando como exemplo este terceiro volume, as derrogações temporais são surpreendentes. Em “Páginas Londrinas”, uma das secções da obra, a marcação temporal própria do diário articula-se com variações imprecisas do tipo “Balanço do mês de Fevereiro”, ou, noutras ocasiões, é incluída humoristicamente no próprio texto: a um parágrafo que termina com a afirmação “Hoje não saio de casa”, segue-se um outro que regista “De hoje passo para amanhã”, e um terceiro, em que o autor anuncia “Já estou em amanhã – cheguei mesmo agora”, sugerindo a coincidência entre o tempo da história e o tempo do discurso. No capítulo “História bilingue”, a heterodoxia é mais evidente e reflete-se também na materialidade do livro. Neste conto, a subversão da leitura contínua atribui a uma personagem as páginas ímpares e a outra, as pares. Concretamente, Ruben A.

e Ruben B., cujas vidas se narram paralelamente, desfiam as suas autobiografias, sendo que Ruben A. é o sujeito empiricamente existente, com uma vida desafoçada, e Ruben B. a metamorfose de um colega com uma vida cinzenta, uma sombra do que podia ter sido o destino do autor.

Sobre *Cores*, um livro de contos em que cada história tem uma cor como título, num jogo de permanente associação inventiva, simbólica e surrealizante, e sobre *Páginas IV*, ambos de 1960, Torga reitera, em carta de 9 de maio, o que já se anteviu:

A sua prosa deixa-me sempre perturbado. Há nela uma tal imaginação verbal, um galopar tão livre e absoluto, que às tantas já não sei a que reino pertença. E embora rendido à força de certas imagens, à finura e originalidade de inúmeras observações, a verdade é que chego ao fim da correria sem conseguir arrancar do bestunto uma síntese valorativa capaz. O automatismo gráfico, verdadeiro ou fingido, tem esse inconveniente. O leitor nunca sabe quando deve aplaudir ou patear.

De qualquer maneira, quero que saiba que recebo sempre com alvoroço os seus trabalhos, que os leio com a maior devoção, e que durante a leitura pareço uma rã numa mesa laboratorial a receber descargas elétricas.

A vocação introspetiva de Torga, a sua angústia existencial de matriz presencista chocavam-se naturalmente com o colorido da explosão delirante da prosa e do universo rubeniano. Ainda assim, a disponibilidade para ler e desfrutar dessa “imaginação à solta”, como lhe chama, parece ser genuína e não apenas a resposta a uma dívida de generosidade e gratidão.

Quando as obras são mais controladas, como é o caso do drama *Júlia*, de 1963, ou do primeiro volume de *O mundo à minha procura*, de 64, Torga espanta-se, no primeiro caso, perante o contraste daquelas “cem páginas em texto cerrado de construtivo diálogo cénico” e diz

aguardar, curioso, a “prova das tábuas, o transe final de toda a obra de teatro. Só depois dele ficaremos a saber se os deuses o bafejavam enquanto escrevia.” (carta 15 de março de 1964). Em relação à estreia autobiográfica, apressa-se a escrever para dar conta do início da leitura do que considera “admirável primeiro capítulo do naufrágio”, exprimindo o desejo de “que o resto seja também assim.”

Em carta de 12 de dezembro de 1966, Torga aprecia o segundo volume da autobiografia (1966), aproximando-o da mestria do primeiro e acrescentando outros aspetos menos abonatórios:

À semelhança do que já aconteceu no primeiro, você tem nele páginas admiráveis, de mão de mestre, como, por exemplo, as de análise dos seus amores frustrados em Viena, ou as que retrataram o Joaquim de Carvalho. Doutras gosto menos, mas reconheço que num livro de memórias há sempre altos e baixos, pois que relembram a própria ondulação da vida.

As reações divergentes que aqui assomam parecem apontar para um padrão que se confirma no comentário ao V volume de *Páginas*, de 1967, em carta de 23 de janeiro do ano seguinte:

Terminei neste momento a leitura do quinto volume das *Páginas* (...). E antes que os rodízios críticos comecem a funcionar, aqui vai um caloroso abraço de parabéns. Tenho medo que, mais logo, a razão analítica se meta em brios, e acabe por estragar o gosto da fruta colhida na árvore, túmida de sol e de vitaminas, que me deu aquela prosa torrencial, imagética e generosa.

Se a reação imediata é favorável e entusiasta, o estranhamento que as obras provocam desperta reservas à racionalidade crítica e, à *contre-cœur*, impõe limitações ao gosto estético. Esta tensão repete-se

na receção do terceiro volume de *O mundo à minha procura*, de 1968. Em carta de 5 de março de 1969, Torga desabafa o que sente desde que acabou de ler o livro, “com várias recapitulações”:

(...) luto desesperadamente sem conseguir prender numa síntese unitiva a impressão plural que o livro me deixou. Espantado e seduzido ao mesmo tempo por tanta lucidez irónica, imaginação verbal e furtiva sinceridade, sinto-me cada vez mais incapaz de apertar num vincilho a paveia de emoções. E só me resta dizer-lhe que sim, que o volume remata magistralmente os outros dois. Não fica uma vida confessada, mas fica uma alma entrevista, pelo ralo do confessionário.

Em carta de 14 de agosto de 1973, Torga pronuncia-se sobre *Silêncio para 4*, do mesmo ano, o último romance publicado em vida de Ruben, com a usual expressão dialética entre a argúcia judicativa e o receio da crítica castradora:

Não sei qual será a reação da crítica fornecedora e do público consumidor a 270 páginas de diálogo “camal”, adâmico, lúbrico-cético-antropofágico. Por mim, fiquei mais uma vez assombrado com o seu poder verbal e aniquilado com semelhante massacre sentimental.

De facto, se as obras anteriormente recenseadas suscitavam espanto tanto pela espiral imaginativa quanto pela inventividade formal, este romance acrescenta a tudo isso a dimensão erótica, o que não é pouco, considerando que a revolução ainda não tinha chegado.

Num silêncio que renunciava o silêncio para todos, da parte de Miguel Torga, a relação com Ruben A. termina aqui. Sem que nunca antes Ruben A. tivesse invadido a sua obra pública, na hora derradeira, a reciprocidade do preito assoma em pungida nota necro-



lógica, incluída no décimo segundo volume do *Diário*, de 1977. Com ela finda um diálogo epistolar transparente e sem máscaras (Altman, 1982). Sem um você, sem um destinatário, a eloquência e sensibilidade desta entrada são um belo preito a ambas as memórias:

Coimbra, 28 de Setembro de 1975 – É uma pena que a barca de Caronte regressasse sempre vazia ao cais de partida, e Ruben A. não possa voltar por momentos ao reino dos vivos para comentar a sua própria morte, anunciada hoje em tipo miúdo na vala necrológica dos jornais. É que ninguém melhor do que ele, a propósito dessa ausência de si mesmo no palco da existência, saberia transmitir-nos o que há de absurdo, de estúpido e de pungente no desaparecimento de certas criaturas que trazem à indiferença dos dias a singularidade de um estilo desabusado, emblematicamente vivido. Por ser precisamente uma delas, um desses entes raros e insólitos que nunca deveriam deixar-nos desamparados na pobreza da nossa vulgaridade, e porque tinha o humor negro, a lucidez e a fantasia que os imortais às vezes outorgam distraidamente aos mortais, era numa das suas *Páginas* que ficavam bem estas lágrimas, que só correriam eternamente salgadas e bufas, de uns olhos ao mesmo tempo irónicos e cordiais, bárbaros e civilizados, cândidos e demoníacos, sonâmbulos e acordados.

Juiz póstumo da personagem que foi, sem lhe poder corrigir um gesto sequer, mal se imagina a que profundidade descia a sua análise implacável, e que sibilina e justa sentença lavraria no fim. Mas o destino gosta pouco de se ver perspetivado pelos interessados. Mormente quando eles são senhores soberanos da palavra. E *O Mundo à minha Procura* fica assim privado de um remate que nenhuma outra mão, desgraçadamente, lhe pode dar – remate inteligente e melancólico, apenas possível no espírito de quem acreditava sinceramente na glória, mas humanamente lhe sabia assobiar nas horas triunfais. (Torga, 1986: 137-138).

## REFERÊNCIAS

- A., RUBEN (s.d). Espólio 35, caixas 12 e 44. BNL.
- A., RUBEN (1993). *O mundo à minha procura II*. Lisboa: Assírio & Alvim [1966].
- A., RUBEN (1994). *O mundo à minha procura III*. Lisboa: Assírio & Alvim [1968].
- A., RUBEN (1997). *Páginas (II)*. Lisboa: Assírio & Alvim [1950].
- ALTMAN, Janet Gurkin (1982). *Epistolarity: approaches to a form*. Columbus: Ohio State University Press.
- CRUZ, Liberto *et al.* (2001). *O mundo de Ruben A*. 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa: Assírio & Alvim.
- GASTAUD, Carla e Bruna Frio Costa (2017). “Apontamentos sobre cultura escrita e práticas epistolares”. *CEM/cultura, espaço & memória*. 8: 13-23.
- LEJEUNE, Philippe (2008). “Génétique et autobiographie”. *Lalies*. 28. Disponível em [https://www.fabula.org/actualites/lalies-n28-dossier-l-autobiographie\\_25226.php](https://www.fabula.org/actualites/lalies-n28-dossier-l-autobiographie_25226.php) (consultado em 09/2019).
- LOURENÇO, Eduardo (1959). “Situação da Literatura Portuguesa (1957-1993)”, in *O Canto e o Signo. Existência e Literatura*. Lisboa: Editorial Presença. 268-279.
- MACHADO, Ana Maria (2017). “Cartas de Ruben A. em Coimbra – o outro lado do desterro”. *CEM/cultura, espaço & memória*. 8: 281-294.
- MACHADO, Ana Maria (2019). "Ruben e Torga: fragmentos de um diálogo epistolar". *Colóquio/Letras*. 202: 67-84.
- MATHIAS, Marcello Duarte (2019). “Correspondências e diários. Aproximações e afinidades”. *Colóquio/Letras*. 202: 27-32.
- ROCHA, Andrée Crabbé (1965). *A epistolografia em Portugal*. Coimbra: Livraria Almedina, 1965.
- SOUSA, Carlos Mendes de (2018). “Cinco cartas inéditas para Miguel Torga”. *Colóquio Letras*. 197: 117-130.
- TORGA, Miguel (1986). *Diário XII*. 3.<sup>a</sup> ed., Coimbra: edição de autor.